

## OS MOVIMENTOS ANTIVACINA DE 1904 E NA PANDEMIA COVID-19: ANÁLISE DE CHARGES

Rosa Maria Rodrigues<sup>1</sup>  
Marcia Eduarda dos Santos<sup>2</sup>  
Gicelle Galvan Machineski<sup>3</sup>  
Solange de Fátima Reis Conterno<sup>4</sup>

### Resumo:

A relutância à vacinação na pandemia da covid-19 não foi evento inédito, tal atitude desencadeou a Revolta da Vacina de 1904, quando notícias falsas desacreditavam a imunização contra a varíola. Objetivou-se analisar os motivos da resistência às vacinas alegados pelos movimentos do início do século XX e durante a pandemia da covid-19 e destacar a repercussão dos movimentos antivacina no enfrentamento das emergências de saúde pública. Trata-se de uma pesquisa documental, cujas fontes foram charges referentes aos períodos de 1904 e 2020-2021. Os dados foram coletados entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023 e organizados quanto à origem do material, descrição dos elementos apresentados e análise da mensagem transmitida, sendo interpretados e discutidos à luz de referências específicas. Apesar das diferenças características do contexto social e político de cada episódio, o medo diante do desconhecido, o discurso da liberdade individual, a difusão de *fake news* e os interesses políticos envolvidos no impulsionamento da recusa vacinal se assemelham. A pesquisa indica a necessidade de desenvolver estratégias para aproximar a população do conhecimento científico, construindo autonomia de pensamento sobre a importância da imunização, erradicando teorias conspiratórias nos assuntos de saúde pública, vislumbrando aumento das coberturas vacinais.

**Palavras-chave:** Imunização; Movimento Contra Vacinação; Pandemia; Desinformação.

## THE ANTI-VACCINE MOVEMENTS OF 1904 AND IN THE COVID-19 PANDEMIC: ANALYSIS OF CARTOONS

### Abstract:

Vaccination reluctance during the covid-19 pandemic was not an unprecedented event. Such an attitude triggered the Vaccine Revolt of 1904, when false news discredited vaccination against smallpox. The objective was to analyze the reasons for vaccine resistance claimed by movements from the early 20th century and during the covid-19 pandemic, and to highlight the impact of anti-vaccine movements on addressing public health emergencies. This is

<sup>1</sup> Possui graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1994), Mestrado em Enfermagem Fundamental pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (2000) e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Professora associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: rmrodr09@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: marciaeduarda99@gmail.com.

<sup>3</sup> Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2003), mestrado em Letras - Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2005), especialização em Docência do Ensino Superior FAG (2010), doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011) e especialização em Enfermagem em Saúde Mental (FaHol, Cofenplay,2024). Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: gmachineski@gmail.com.

<sup>4</sup> Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1993), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2002). É doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: solangeconterno@gmail.com.

documentary research, with sources consisting of cartoons from the periods of 1904 and 2020-2021. The data was collected between December 2022 and January 2023, organized regarding the source of the material, description of the presented elements, and analysis of the conveyed message. They were interpreted and discussed in the light of specific references. Despite the characteristic differences in the social and political context of each episode, the fear of the unknown, the discourse of individual freedom, the spread of fake news, and the political interests involved in promoting vaccine refusal are similar. The research indicates the need to develop strategies to bridge the gap between the general population and scientific knowledge, fostering independent thinking about the importance of immunization, eradicating conspiracy theories in public health matters, and aiming for increased vaccine coverage.

**Keywords:** Immunization; Anti-Vaccine Movement; Pandemic; Misinformation.

## 1. INTRODUÇÃO

No século XVIII, o médico inglês Edward Jenner (1749-1823) compreendeu que as pessoas que contraíam *cow-pox*, a varíola bovina, posteriormente obtinham efeitos protetores contra a varíola. Durante um de seus experimentos, Jenner utilizou o material proveniente da pústula de uma menina infectada por varíola bovina para inocular um menino de oito anos, que apresentou apenas febre e mal-estar, sem maiores complicações e que não desenvolveu varíola seis semanas depois, quando recebeu novamente material contaminado por varíola humana (MORABIA, 2018). O novo procedimento recebeu do médico o nome de vacinação, visto que sua origem está relacionada a varíola bovina, cujo vírus causador é chamado de *vaccinia*, termo derivado da palavra *vacca*, em latim (RIEDEL, 2005).

Apesar do êxito de Jenner, a imunização não foi imediatamente aceita pela população inglesa. A origem do material, os métodos aplicados – incluindo higiene insatisfatória dos procedimentos – e os discursos antivacina fizeram com que a prática fosse aceita, somente dez anos depois. O médico William Rowley, de Oxford era um representante antivacina do período que publicou um panfleto mencionando a história de um menino que desenvolveu feições de vaca após ter sido vacinado. A alusão ao desenvolvimento de expressões bovinas foi corroborada por outro médico contrário a vacinação, causando alarme na população (HASLAM, 1990).

Como na Inglaterra, durante a introdução da vacina, o Brasil do início do século XX foi campo fértil para geração de notícias falsas, que se disseminavam a partir de textos jornalísticos e charges em periódicos. Utilizando-se da linguagem verbal e não-verbal, as charges apresentam críticas de teor satírico e caricatural aos acontecimentos atuais da sociedade. A forma de veiculação das charges ocorreu via jornais impressos durante o período da Revolta da Vacina (1904), enquanto hoje os chargistas podem atingir seu público a partir de diferentes plataformas digitais, incluindo as mídias sociais. Vinculada ao texto jornalístico, a charge não demonstra neutralidade ao referenciar a realidade, pelo contrário, “instiga o pensamento crítico do leitor levando-o a se posicionar, mesmo de forma imperceptível, diante do texto” (MATIAS; MAIA, 2014, p. 1020).

Em 1904, a cidade do Rio de Janeiro contava com uma população de aproximadamente 900 mil pessoas. Na ausência de saneamento básico, doenças como peste bubônica, febre amarela e varíola tinham efeitos drásticos e a cidade chegou a ser conhecida internacionalmente como “túmulo dos estrangeiros”, em razão da quantidade de visitantes mortos por febre amarela (AGUIAR, 2021).

Na obra “A Revolta da Vacina: Mentes insanas em corpos rebeldes”, o historiador Nicolau Sevcenko (SEVCENKO, 2018) explicita os eventos desencadeadores do levante popular ocorrido em 31 de outubro de 1904 com a Lei da Vacina Obrigatória foi votada, seguida da elaboração do Regulamento pelo médico sanitário Oswaldo Cruz. Foi justamente a publicação de um esboço do Regulamento no jornal “A Notícia” que disseminou indignação pela cidade.

O regulamento era denunciado por seus termos rígidos impondo condutas desde os recém-nascidos até idosos, obrigando a vacinação, exames e reexames e sugerindo multas, demissões e impossibilitando que as pessoas pudessem recorrer, se defender ou se negar à vacinação. Visava impor uma campanha “maciça, rápida, sem nenhum embaraço e fulminante: o mais amplo sucesso, no mais curto prazo. Não se cogitou da preparação psicológica da população, da qual só se exigia a submissão incondicional” (SEVCENKO, 2018, p. 26).

O receio popular em relação à vacinação não era infundado ao se considerar que se tratava da primeira vacina experimentada na história do Brasil, quando a maioria das pessoas nunca havia sido vacinada. Os métodos utilizados desencadeavam medo, pois, para a inoculação do imunizante contra a varíola eram feitas três incisões no braço a partir de lancetas metálicas que, apesar de serem descartáveis, não deixavam de assustar a população (AGUIAR, 2021). Essas características contrastam com o panorama atual, visto que o Programa Nacional de Imunização (PNI), estabelecido há mais de 48 anos, garante a oferta de diversas vacinas desde a infância até os estágios finais da vida, sendo fundamental para o controle de mais de vinte doenças (DOMINGUES *et al.*, 2020). Definido o sucesso das vacinas na prevenção de doenças e a quantidade de informação disponibilizada atualmente, os fatores relacionados à hesitação vacinal tem sido motivo de indagação.

Embora o Brasil apresente um Programa Nacional de Imunização com reconhecimento mundial, tem-se notado diminuição da cobertura vacinal de uma série de imunizantes, o que impacta seriamente no ressurgimento de doenças infectocontagiosas passíveis de imunoprevenção. Pesquisa feita 26 países mostrou surtos significantes de sarampo no ano de 2020, isso porque mais de 22 milhões de crianças não receberam nem a primeira dose da vacina contra o sarampo. Nesse cenário, o Brasil está entre os países com maior número de crianças não vacinadas (VENKATESAN, 2022).

Conforme o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2021), a última vez que o Brasil atingiu a meta de público-alvo vacinado contra poliomielite foi em 2015. A cobertura vacinal para poliomielite foi de 89,54% em 2018 e 84,19% em 2019, com decréscimo ainda mais significativo nos anos posteriores, chegando a 69,79% em 2021. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (PAHO, 2022), se os países não mantiverem uma cobertura vacinal de pelo menos 95%, o poliovírus pode voltar a causar paralisia, o que é significativamente alarmante, tendo em vista que o último caso de poliomielite nas Américas foi há mais de 30 anos.

Destaca-se que em 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) inseriu a hesitação vacinal na lista das dez ameaças à saúde global, indicando que as razões para o desenvolvimento desse cenário são complexas, mas que a falta de confiança, complacência e dificuldade de acesso são alguns dos motivos chaves (OMS, 2019). Estando estabelecido que a vacina é determinante para combater a infecção, torna-se fundamental compreender a resposta das pessoas frente as campanhas de vacinação (CASEROTTI *et al.*, 2022). Diante do acesso rápido e eficiente possibilitado pelas redes de comunicação, os indivíduos frequentemente manifestam suas opiniões acerca da vacinação em mídias sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, por exemplo.

O acesso facilitado a diferentes conteúdos permite, mais intensamente, a propagação de material sem compromisso com a veracidade dos fatos. Estudo mostrou a relação entre crenças em teorias conspiratórias e adoção de comportamentos de risco; as mídias sociais atuam como vetor de difusão dessas teorias e contribuem para o estabelecimento do cenário de infodemia (ALLINGTON *et al.*, 2021), conceito definido pela OPAS como “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (OPAS, 2020). As informações se espalham entre as pessoas por meios físicos e digitais, de maneira similar a uma epidemia. A OMS ainda destaca que uma infodemia pode intensificar e prolongar surtos, uma vez que as pessoas ficam incertas sobre o que devem fazer para proteger sua saúde.

A desinformação é outro fenômeno da contemporaneidade que afeta a saúde humana e as decisões individuais para o autocuidado. Trata-se de informação falsa ou imprecisa elaborada e disseminada com a finalidade de enganar e que se destacou na pandemia da covid-19, afetando a saúde física e mental das pessoas pelo acesso a histórias falsas ou enganosas que foram compartilhadas sem preocupação com as fontes, nem com sua qualidade. Via de regra, a desinformação se vale de teorias conspiratórias de maneira que seu conteúdo parece verdadeiro (OPAS, 2020). Com crescimento mundial, o movimento antivacina utiliza temas provocantes para atingir o público, como a ideia de que a vacinação teria efeitos adversos ocultos e que existe uma manipulação da população visando o lucro ou ainda que o governo exerce um papel excessivamente controlador, discurso que tem sintonia com a noção de valorização das escolhas individuais disseminada pelos apoiadores do movimento (BELTRÃO *et al.*, 2020).

Dante destes fatos questiona-se: Quais elementos conectam ou afastam as realidades vividas em 1904 e em 2020, sobre o enfrentamento das doenças que marcaram estes períodos, especialmente no que se refere à utilização de vacinas? Nesse contexto, o presente estudo objetiva analisar os motivos de resistência às vacinas alegados pelos movimentos do início do século XX e durante a pandemia da covid-19, além de examinar a repercussão dos movimentos antivacina no enfrentamento das emergências de saúde pública.

## 2. METODOLOGIA

Realizou-se pesquisa documental tendo como fontes charges sobre vacina e a vacinação veiculados nos anos de 1904, 2020 e 2021 no Brasil, referentes à Revolta da Vacina e o movimento antivacina na pandemia de covid-19 levantados nas obras “A Revolta da Vacina e o negacionismo dos positivistas”, organizada pela Zeling Digital (2021), e “1904 – Revolta da Vacina: a maior batalha do Rio”, organizada pela Prefeitura do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2006), que dispõe de um acervo de textos jornalísticos e charges do ano de 1904. As charges de 2020 e 2021 foram extraídas do jornal diário Folha de São Paulo (FOLHA DE SÃO PAULO 2020/2021), um jornal de grande circulação que tem uma seção específica para armazenamento das charges em seu site. A coleta de dados de ambos os períodos ocorreu nos meses de dezembro de 2022 e janeiro de 2023.

A organização dos documentos ocorreu pela leitura segundo critérios de análise de conteúdo, com técnicas de fichamento e levantamento quantitativo e qualitativo de termos e assuntos recorrentes, dispostos em um quadro em que as charges foram numeradas, descritas e, interpretadas. Após esta sistematização foram organizadas em temáticas por convergência de conteúdo (PIMENTEL, 2001).

Em um primeiro momento foram sistematizadas as charges sobre vacina de 1904 e, posteriormente, as de 2020/2021, para o resultado ser analisado e identificadas as aproximações

e distanciamentos dos dois cenários, especialmente no que se refere ao tema vacina. Para a organização dos dados em temáticas utilizou-se um instrumento com três colunas: origem e data de publicação do material; descrição da charge, seus diálogos e componentes gráficos; análise dos conteúdos apresentados pelas charges. As informações foram analisadas à luz de referências específicas.

### 3. RESULTADOS

Foram objeto de sistematização, análise e interpretação, 50 charges referentes ao movimento antivacina do início do século XX e 65 charges dos anos de 2020 e 2021. A partir da organização e análise dos dados emergiram as unidades temáticas apresentadas no Quadro 1.

**Quadro 1** – Unidades temáticas que emergiram a partir das análises das charges dos dois períodos do estudo, 2023

	Unidades temáticas	Conteúdo das charges
T E M Á T I C A S	<b>1. As subjetividades no enfrentamento da vacina no início do século XX: medo e desconfiança diante do desconhecido</b>	Representam o medo das incisões feitas no braço (9, 10, 46, 48), a imposição tirana do Congresso Nacional para a vacinação (12), pois a vacina seria mais temida que um ataque por um assaltante (29); insegurança em relação a vacina (32, 6, 21, 13, 3, 19), desencadeando posturas racistas (19) ou possibilidade de reparação pecuniária (37).
C H A R G E S	<b>2. As relações de gênero relacionando vacina e assédio sexual</b>	A vacinação entendida como forma de assédio (7) e afronta ao marido (44), possuindo forte conotação sexual (47).
D E 1 9 0 4	<b>3. As fake news na República Velha</b>	Desinformação e difusão da utilização do álcool para combater a vacina (15, 16, 17); mortes causadas pela vacina (18) e o escárnio para desacreditar o imunizante (8).
T E M Á T I C A S	<b>4. Resistência a vacinação e antecipação da Revolta</b>	Desacreditação da vacina (5, 24) e estratégias para evitar tomar o imunizante (22) alcançando todas as classes e expondo a subserviência de pessoas pretas (26) estimulando a não vacinação (27, 25) e o uso da força para a resistência (28, 25, 33, 39, 40, 50).
	<b>5. Os interesses políticos no desencadeamento da Revolta</b>	Interesses sustentados no positivismo e em posições políticas de parlamentares opositores ao presidente (34, 2, 4, 14, 20, 36) mobilizando trabalhadores de suas bases políticas (49) desacreditando a legislação da vacina obrigatória (36, 43) até sua revogação (45), para concluir que as posições políticas extrapolaram o aceitável, culminando em mortes durante a revolta da vacina (41).
	<b>6. Oswaldo Cruz e o autoritarismo nas políticas sanitárias</b>	Enfrentamento à figura de Oswaldo Cruz, denominado Luiz XIX da seringação, Nero da Hygiene, Napoleão de seringa e lanceta, Colombina (1, 23, 42, 35, 38, 31) e a desconfiança quanto à vacinação do então chefe do executivo Rodrigues Alves (30).
T E M Á T I C A S	<b>7. Politização na condução da pandemia em 2020 e 2021</b>	Manifestações populares de recusa à vacina, apoio ao presidente e discurso armamentista (2); disputa entre adversários políticos (6, 5, 23, 43, 38); subserviência do presidente brasileiro ao presidente americano (9), discurso anti-China (23, 51, 32), mudança de postura da população conforme defesa da vacina pelo presidente (37, 36) e a vacinação escondida do Ministro da Casa Civil (40).
C H A R G E S	<b>8. Repercussões das disputas políticas: Fake News, negacionismo e posicionamento antivacina</b>	Desinformação e associação da vacina à conjuntura geopolítica contrária à China (10), negacionismo e notícias falsas nos grupos bolsonaristas (26, 53, 60, 7), postura antivacina, virilidade e armamentismo (30, 11, 8, 29, 31, 33), defesa da cloroquina (30, 44, 53), crítica ao comportamento infantil bolsonarista (62), aproximação do presidente ao centrão (16); papel do Ministro da Saúde (18); resistência às medidas de precaução (15) e a culpabilização da vacina por qualquer evento (65).
	<b>9. A condução do governo federal para a vacinação: da recusa à obrigatoriedade, da proteção da aquisição, às denúncias de corrupção na compra de vacina;</b>	Críticas ao governo federal (20, 22, 34), à suas posições ideológicas e medos (35), desprezo pelas vidas perdidas (54), condução da pandemia (55), recusa da obrigatoriedade da vacina (3, 4), segurança da vacina (1), demora na aquisição das vacinas (12, 13, 14, 17, 24, 25, 27, 19, 39, 42, 45, 46), fraudes na administração e desrespeito à ordem dos grupos prioritários (28, 21) e a corrupção na aquisição dos imunizantes (48, 49, 50, 52, 56).

2 0 2 0 / 2 0 2 1	<b>10. Estímulo à vacinação</b>	Chamamentos à vacinação aos sobreviventes (41), às mães no mês de maio, como forma de presente (47), crítica a fala sobre transformação em jacaré e incentivo a vacinação (57). Chegando ao fim de 2021, as charges trazem a esperança e elementos natalinos para encorajar a imunização (61, 63, 64).
---	---------------------------------	--

**Fonte:** Dados coletados no estudo

Os resultados demonstram que o receio quanto à vacina durante o início do século XX e na pandemia da covid-19 foi impulsionado por *fake news*, direcionando à recusa vacinal e ao movimento antivacina. O uso da desinformação como estratégia para desqualificar a vacina encontrou espaço nos jornais de 1904 e, consequentemente, nas concepções populares. Além do uso de notícias falsas, os jornais buscavam satirizar a importância da vacina para fundamentar a intolerância a vacinação. Durante a pandemia, a insistência em medicamentos ineficazes para a combater a covid-19 e a intensa propagação de desinformação refletiram nas publicações dos cartunistas e o movimento antivacina foi ganhando força no país com a rejeição do conhecimento científico e a desconfiança sobre imunização.

Ainda no início do século XX, evidenciam-se as relações de gênero que influenciaram a visão sobre a vacinação. Envolvidas em um contexto de subserviência, as mulheres brasileiras conquistariam o direito ao voto somente 28 anos mais tarde.

Os noticiários defendiam que a aprovação da Lei da Vacina Obrigatória não deveria ser justificativa para a população permitir sua aplicação, instigando, desta forma, a desobediência civil, e a violência nas semanas que precedem a Revolta. No mês anterior à Revolta da Vacina, os debates intensos na Câmara dos Deputados sugeriam o sepultamento precoce do projeto de vacinação. Contudo, a ideia de resistir a vacinação não vinha somente da população, mas estava vinculada a um grupo político e ideológico, os positivistas, que tinham interesse em desmontar o governo vigente e, portanto, eram contrários ao projeto de imunização.

Responsável por elaborar o regulamento da Lei da Vacina Obrigatória, o diretor da Saúde Pública foi frequentemente foco de críticas nas publicações dos jornais cariocas. Oswaldo Cruz foi alvo de sátiras e suas medidas sanitárias inspiraram comparações com o imperador romano Nero e ao Rei da França, Luís XIV. O médico estava na direção do saneamento do Rio de Janeiro, que, entre despejos e demolições de residências populares, resultou na “limpeza” do centro da cidade, transferindo a miséria e as doenças infecciosas para as periferias insalubres. Além disso, a população era instigada a cobrar a vacinação de Oswaldo Cruz e o presidente Rodrigues Alves, ambos defensores da Lei da Vacina Obrigatória.

A partir da temática 7, os dados referem-se ao período de 2020 a 2021, momento em que o posicionamento manifestado por figuras políticas é colocado em evidência, influenciando negativamente a resposta da população frente a vacinação. A visão sobre a vacina também foi afetada pela disputa entre adversários políticos e contribuiu para a polarização em torno da imunização.

O conflito entre as duas figuras políticas, o ex-presidente e o ex-governador de São Paulo, participou na reprodução de uma visão anti-China em relação a vacina Coronavac. Termos como “vacina chinesa do Dória” foram utilizados pelo ex-presidente para se referir a

vacina e ao governador. O conflito em torno da vacina Coronavac, além de impactar as relações do Brasil com a China, trouxe à população desconfiança sobre a vacina e, consequentemente, tendência a escolher um imunizante de acordo com o fabricante. A polarização política em torno da vacinação se intensificou de tal forma que influenciou as atitudes dos membros do governo em relação ao ato de se vacinar, fazendo com que o Ministro da Casa Civil se vacinasse às escondidas.

Identificam-se também charges que questionam a obrigatoriedade das vacinas, a demora na aquisição e as denúncias de corrupção na compra dos imunizantes. A ausência de um plano nacional de vacinação com prazos de início definidos e outros fatores envolvidos no atraso do processo, como a falta de insumos para produção dos imunizantes, marcaram a condução governamental durante a pandemia. Além de construir críticas ao presidente da República, as charges também se direcionaram ao ministro da saúde apontando para uma inaptidão para o cargo, uma vez que se tratava de um general com conhecimento em movimentos militares, não em gestão em saúde.

O desrespeito à fila de vacinação também teve representação nas charges. Os “fura-filas” – aqueles que tentavam se vacinar sem estar nos grupos prioritários – começaram a ser denunciados já na primeira semana de vacinação. Nos meses de junho e julho de 2021 várias das charges publicadas se direcionaram para a tentativa de compra superfaturada das vacinas da Covaxin e denúncias de cobranças de propina na negociação das doses.

Embora a maioria das charges fizessem referência a acontecimentos políticos durante a gestão da pandemia, a partir do ano de 2021 várias ilustrações trouxeram uma composição de elementos que incentivava a vacinação e realçavam sua importância na contenção da pandemia.

#### 4. DISCUSSÃO

Ao entender os contextos da Revolta da Vacina, de 1904 e o período mais significativo da pandemia, ocorrido nos anos de 2020 e 2021, identifica-se a utilização de uma questão de saúde pública para favorecer partidos e atingir objetivos políticos como um dos principais pontos que se destaca no conjunto de semelhanças apresentadas entre os dois períodos. Em 1904 havia interesse da oposição em aproveitar o descontentamento da população com o governo vigente e instigar a revolta contra o presidente Rodrigues Alves (NOGUEIRA et al., 2021). Em 2020, mostrou-se evidente que as discordâncias sobre a vacina Coronavac tinham mais relação com uma necessidade em vencer publicamente uma disputa política do que com uma preocupação genuína sobre a segurança da vacina (CERQUEIRA-SILVA et al., 2022).

A tentativa de descredibilizar uma vacina que protege contra desfechos graves são ações que impactaram negativamente no combate a pandemia, favorecendo a intensificação da desinformação e impulsionando a hesitação vacinal, mesmo que estudo mostrasse que, após as duas doses, a administração da Coronavac teve efetividade de 81,3% contra hospitalização ou morte de pessoas reinfectadas pelo SARS-CoV-2. E a imunização contra o SARS-CoV-2 começou primeiramente com Coronavac no Brasil, portanto, apesar de ter uma taxa de eficácia menor em relação a outras vacinas como as produzidas pelos laboratórios da Pfizer e AstraZeneca, tentativas de descredibilizar uma vacina que protege contra desfechos graves são ações que impactaram negativamente no combate a pandemia (BOLSONARO DIZ... 2020).

As *fake news* também fizeram parte dos recursos utilizados em 1904 para desqualificar a vacina e, consequentemente, descredibilizar as figuras políticas envolvidas na implantação da vacina obrigatória. Dessa forma, as *fake news* eram, assim como em 2020/2021, carregadas de vieses políticos e ideológicos. Observa-se nos dois períodos a difusão de crenças infundadas de

que não somente as vacinas são ineficazes, como também são fonte de outras patologias como a “defluxeira” em 1904 e a aids nos anos atuais.

O discurso sobre liberdade e autonomia é outro aspecto que permaneceu desde a Revolta da Vacina e demonstra a predominância dos interesses individuais em um contexto de busca por bem-estar coletivo. Em 1904, Rui Barbosa, político contrário a vacinação durante a República Velha, discursa sobre interferência do Estado sobre os indivíduos (AGUIAR, 2021). Em setembro de 2020, o então presidente Jair Bolsonaro utiliza a fala “vacina quem quer taoquei?!”. Nesse mesmo mês, a secretaria de comunicação publica a frase: “o governo do Brasil preza pelas liberdades dos brasileiros”, condizendo com outra fala do ex-presidente: “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina” (BOLSONARO DIZ... 2020).

Ao se referir a vacinação como “suicídio”, a imagem de 1904 reforça a ideia de que a vacina teria uma ação letal e não preventiva, excluindo os riscos da infecção pela varíola na época. A percepção irreal dos riscos da vacina é retratada em várias charges em ambos os períodos, denunciando um elemento muito presente na tomada de decisão em relação a vacina, o viés de omissão. No viés de omissão, é preferível que aconteça um dano pela omissão (inAÇÃO) do que pela comissão (aÇÃO), ou seja, um problema que ocorre em razão de algo que se decidiu fazer (tomar vacina) é menos aceitável do que um problema oriundo de uma omissão (não tomar vacina). Em outras palavras, seria pior um dano causado por um efeito adverso relacionado a vacina do que um dano causado pela infecção por uma doença imunoprevenível (WROE *et al.*, 2005; OLIVEIRA *et al.*, 2022). Essa linha de pensamento ignora a segurança das vacinas e a gravidade das doenças infecciosas, além de criar uma tendência em priorizar eventos adversos raros, quando não inexistentes e imaginários, como no caso da transformação em jacaré decorrente da vacinação (MARZ, 2021).

A simetria entre os acontecimentos de eventos separados por mais de um século é perceptível, mas existe uma série de diferenças que singularizam cada episódio em seu período histórico. A característica principal que distingue os anos de 2020 e 2021 de 1904 é o fato de que no contexto em que se deu a Revolta da Vacina o executivo, na figura de Rodrigues Alves participava ativamente na luta pela vacinação e os jornais e parte do parlamento eram contrários a essa medida, contrastando com o que se iniciou durante a pandemia da covid-19, momento em que o próprio presidente era responsável pela divulgação de notícias falsas. A pandemia atravessou o país em um governo marcado pelo negacionismo, no qual a gravidade da doença foi minimizada, o processo de aquisição da vacina foi dificultado e os movimentos do presidente foram recebidos com aplausos e designações de “mito” em demonstrações de fanatismo por seus apoiadores (FERNANDES; PINHEIRO, 2021).

O caráter impositivo do governo e as intervenções sobre os corpos e a decisão de se vacinar eram preocupações da população, mas o papel coercitivo do Estado não se limita a 1904. Estudo indicou que no contexto da Revolta houve uma junção de valores de classes sociais distintas uma vez que os membros da elite da época se apegaram aos princípios liberais, em especial da liberdade individual e de afastamento do estado das questões particulares. Contudo, a população, a ameaça do Estado se revelavam na sua interferência em questões familiares como a virtude da “virtude da mulher e da esposa, a honra do chefe de família, a inviolabilidade do lar” (CARVALHO, 2018, p. 109).

Os pretextos da liberdade individual que inflamaram o motim popular resultaram, porém, em intervenções ainda mais intensas pelo Estado, com direito a bombardeios, tropas do exército, convocação da Guarda Nacional e, finalmente, em um projeto de limpeza, a expedição de suspeitos de envolvimento na Revolta ao Acre, mesmo sem comprovação de atuação, favorecendo as tentativas de tornar o Brasil mais atraente para imigrantes estrangeiros<sup>6</sup>. No Rio

de Janeiro de 1904, o Estado respondeu com força máxima, mas helicópteros, granadas e fuzis também fazem parte de operações policiais nas favelas que continuam exterminando a população marginalizada indiscriminadamente, como é o caso de João Pedro (14 anos), que morreu por um ferimento de arma de fogo pela polícia e foi uma das 1.245 vítimas de ações policiais no Rio de Janeiro em 2020 (GUIMARÃES, 2021).

No que diz respeito a pandemia, os grupos vulnerabilizados também foram os mais impactados. Em dados apresentados por boletins epidemiológicos, os bairros com altíssima proporção de favelas no Rio de Janeiro chegaram a ter uma taxa de letalidade 2,4 vezes maior em comparação a taxa dos bairros sem favela (MATTIA *et al.*, 2021). Esses dados reforçam a teoria da determinação social do processo saúde-doença e denunciam a ausência de políticas públicas eficazes que minimizem a disparidade entre as condições de vida dos indivíduos.

Em relação aos imunizantes, deve-se destacar que o funcionamento da vacina no sistema imunológico e seu papel na prevenção de doenças não eram conceitos bem difundidos em 1904, visto que se tratava da primeira vacina administrada no Brasil. Em 2020, por outro lado, diversas vacinas são administradas a partir do calendário vacinal do PNI, que é reconhecido internacionalmente por seus avanços, sendo responsável pela erradicação e controle de várias doenças, embora o declínio das coberturas vacinais evidencie um grande número de crianças sem proteção contra doenças imunopreveníveis (HOMMA *et al.*, 2023). Não há, atualmente, uma preocupação moral quanto aos métodos de administração da vacina, diferentemente de 1904, quando a exposição de partes do corpo feminino para as incisões era considerada uma afronta aos costumes da época, como mostram as charges 7 (AGUIAR, 2021, p. 21 e 44 (RIO DE JANEIRO, 2006, p. 16).

O acesso ao conhecimento científico é facilitado quando comparado ao ano de 1904 e, embora, os avanços tecnológicos permitam o acesso à informação em poucos segundos, ainda não há como filtrá-las e impedir efetivamente que *fake news* sejam propagadas com a mesma velocidade. Estudo identificou 637 rumores e teorias conspiratórias em diferentes mídias sociais advindas de 52 países. De todos os itens identificados, 12% se originaram no Brasil, que ficou atrás apenas dos EUA (15%) e Índia, que representou 13% dos rumores. Em um cenário de infodemia, a circulação de teorias conspiratórias faz com que esses conteúdos possam ser falsamente interpretados como informações confiáveis (ISLAM *et al.*, 2021).

Chama a atenção que havia no Brasil em 1904, a incorporação da ciência, especialmente no que se refere ao positivismo como forma de olhar o mundo. De forma que há que se questionar, as razões de, mesmo decorrente da ciência da época, os positivistas serem contrários às medidas sanitárias, em especial à vacinação. Neste aspecto, observam-se pelo menos duas possíveis explicações. Uma delas é que o positivismo que adentrou no Brasil foi o positivismo religioso de Augusto Comte, segundo o qual a ciência já chegara a seu ápice e o mundo já estava completamente compreendido, ignorando e negando conhecimentos contemporâneos como os questionamentos acerca da física newtoniana (SCHWARTZMAN, 2015). Aqui ganhou corpo um positivismo “científico” e que não potencializou o pensamento moderno em todas as ciências, quiçá nas ações de saúde.

Outro aspecto é a base ideológica liberal que no tempo presente alcança seus ápices de individualismo e desconsidera a importância da vacinação como ato coletivo. Esse modo de pensar se mostra especialmente preocupante pois, as mudanças coletivas de comportamento são fundamentais na ausência de uma vacina ou tratamento apropriado, como foi o caso do período inicial da pandemia. Em países politicamente polarizados a adesão a medidas para reduzir a transmissão do vírus se tornou uma questão partidária e estudos tem demonstrado que o senso de pertencimento a um grupo e a uma identidade nacional está associado ao engajamento em

comportamentos que promovem a saúde pública, portanto, líderes políticos tem um papel significativo informando as pessoas e, consequentemente, prevenindo comportamentos irresponsáveis (VAN BADEL et al., 2022).

Por fim, é importante considerar que se trata da reação humana diante do desconhecido e assustador, como é o caso das pandemias. O medo é uma reação que desencadeia uma maior atenção a sinais e situações de perigo e, portanto, é importante para a saúde dos indivíduos, mas medos irracionais podem estimular comportamentos inapropriados frente a uma condição de risco, como a escassez ou o exagero de medidas preventivas (WEISÆTH; TØNNESSEN, 2020).

Observam-se diferentes inquietações em relação a vacinação: o medo de morrer, de sofrer reações severas e a preocupação em relação ao tempo de desenvolvimento da vacina e aos seus componentes (HERRY et al., 2023). Identificaram-se representações gráficas do medo desproporcional ao risco nos dois períodos analisados, como o medo de perder o braço apresentado na charge 1 (GALVÃO, 2020) ou o receio de ficar incapacitado para trabalhar, demonstrado pela charge 10 (AGUIAR, 2021, p. 25). Nesse sentido, compreender as incertezas e medos acerca da vacinação se torna fundamental, pois permite direcionar as informações de saúde de forma que minimize as preocupações e influencie positivamente as concepções sobre a vacina.

## 5. CONCLUSÃO

O estudo alcançou o objetivo de analisar os motivos de resistência às vacinas alegados pelos movimentos do início do século XX e durante a pandemia da covid-19 e a repercussão do movimento antivacina no enfrentamento das emergências de saúde pública.

Embora distantes na linha do tempo e apresentando diferenças importantes, a análise da Revolta da Vacina e da pandemia da covid-19 trazem contribuições relevantes na reflexão sobre o percurso da imunização no Brasil. As semelhanças entre os períodos permitem traçar um paralelo e visualizar a repetição de táticas na história da saúde pública, especialmente no que refere a manobras políticas que se desenrolaram em torno de uma questão sanitária e, ainda que se note uma inversão nas condutas governamentais, o princípio de usar a recusa vacinal para disputas partidárias permanece.

Decorre que um fato do campo sanitário foi capaz de definir condutas e polarizar a discussão política e ideológica ao arreio dos conhecimentos científicos. Ademais, o contexto mundial de negação da ciência como possibilidade de explicação racional dos fatos humanos deu a tônica na condução da pandemia no Brasil onde achou solo fértil para disseminação de teorias conspiratórias e explicações estapafúrdias do quadro sanitário, embalados pelo medo humano ao desconhecido.

O estudo teve limitações principalmente quanto a análise das charges, uma vez que foi necessário leituras que possibilissem um aprofundamento do conhecimento sobre o contexto em que foram publicadas, para então interpretá-las direcionando-se ao tema da vacina. Além disso, por serem antigos e estarem em desuso, alguns termos presentes nas ilustrações de 1904 tornaram a compreensão das charges mais difícil.

Percebe-se que as *fake news* e as disputas políticas seguramente participaram dessa hesitação em 1904 e continuam a influenciar a população até os dias de hoje. Portanto, é necessário investigar os interesses envolvidos na criação de notícias falsas e elencar estratégias para popularizar o conhecimento científico de forma que teorias conspiratórias e infundadas

acerca da imunização não sejam tão facilmente aceitas, alavancando as taxas de vacinação e evitando o reaparecimento de doenças imunopreveníveis.

Por fim, a comparação de momentos históricos distintos a partir de charges permite um entendimento do contexto de cada época, visto que as charges expressam opiniões políticas e são carregadas de elementos que remontam aos movimentos sociais, econômicos e culturais de um período.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, E. **A revolta da vacina e o negacionismo dos positivistas**. Curitiba: Zelig Digital, 2021 Disponível em: <https://zelig.digital/2021/01/28/revolta-da-vacina-quando-o-positivismo-virou-negacionismo/>. Acesso em: 15 out. 2022.

ALLINGTON, D. *et al.* Health-protective behaviour, social media usage and conspiracy belief during the Covid-19 public health emergency. **Psychological medicine**, v. 51, n. 10, p. 1763-1769, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32513320/>. Acesso em: 16 out. 2022.

BELTRÃO, R. P. L. *et al.* Perigo do movimento antivacina: análise epidemio-literária do movimento antivacinação no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 6, p. e3088-e3088, 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e3088.2020>. Acesso em: 30 jan. 2023.

BOLSONARO DIZ que ‘ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina’; especialistas criticam. **G1**, set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/09/02/bolsonaro-diz-que-ninguem-pode-obrigar-ninguem-a-tomar-vacina-especialistas-criticam.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRASIL. Datasus. **Cobertura vacinal do ano de 2014 a 2021**, 2021. Disponível em: [http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/webtabx.exe?bd\\_pni/cpnibr.def](http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/webtabx.exe?bd_pni/cpnibr.def). Acesso em: 29 jun. 2022.

CARVALHO, J. M. Cidadãos ativos: a Revolta da Vacina. In: CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 4a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 72-112.

CASEROTTI, M. *et al.* Who is likely to vacillate in their Covid-19 vaccination decision? Free-riding intention and post-positive reluctance. **Preventive medicine**, v. 154, p. 106885. 2022Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0091743521004588>. Acesso em: 30 jan. 2023.

CERQUEIRA-SILVA, T. *et al.* Effectiveness of CoronaVac, ChAdOx1 nCoV-19, BNT162b2, and Ad26. COV2. S among individuals with previous SARS-CoV-2 infection in Brazil: a test-negative, case-control study. **The Lancet Infectious Diseases**, v. 22, n. 6, p. 791-801, 2022. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S1473-3099%2822%2900140-2> Acesso em: 30 jan. 2023.

DOMINGUES, C. M. A. S *et al.* 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, Sup 2:e00222919, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/XxZCT7tKQjP3V6pCyywtXMx/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 jan. 2023.

FERNANDES, T. M.; PINHEIRO VA. Negação e Negacionismo no Brasil: vacinas antivariólica e anti-covid-19. Ponta de Lança: **Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 15, n. 29, p. 14-36.2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/16496/12434>. Acesso em: 12 jan. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Charges**. 2020; 2021. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>. Acesso em: 5 jan. 2023.

GALVÃO, J. **A pressa**. 16 ago. 2020. 1 charge. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1673787819108865-charges-agosto-2020>. Acesso em: 10 jan. 2023.

GUIMARÃES, L. **Caso João Pedro**: Quando o Estado mata nossos filhos a Justiça não acontece, diz mãe do adolescente morto em operação policial. BBC, São Paulo, maio, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57121830>. Acesso em: 11 maio 2023.

HASLAM, F. Looking at medical history: vaccination. **Scottish Medical Journal**, v. 35, n.2, p. 53-55, 1990. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/003693309003500210>. Acesso em: 9 out. 2022.

HERRY, A. M. *et al.* Facilitators of and barriers to COVID-19 vaccination in Grenada: a qualitative study. **Ver. Panam Salud Pública**, v. 20, n. 47, p. e44. mar. 2023. DOI: 10.26633/RPSP.2023.44. PMID: 36945250; PMCID: PMC10022831. Acesso em: 12 maio 2023.

HOMMA, A. *et al.* Pela reconquista das altas coberturas vacinais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. e00240022. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/JjMfSLGDnWJWVhLsZTCX34t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2023.

ISLAM, S. *et al.* COVID-19 vaccine rumors and conspiracy theories: The need for cognitive inoculation against misinformation to improve vaccine adherence. **PloS one**, v. 16, n. 5, p. e0251605, 2021. Disponível em: [10.1371/journal.pone.0251605](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0251605). PMID: 33979412; PMCID: PMC8115834. Acesso em: jan. 30 2023.

MARZ, M. **Agosto 2021**. 1 charge. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1706850704421949-charges-agosto-2021>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MATIAS, A. F; MAIA, J. V. A história da charge e seu uso no pós-64. In: **Encontro Cearense de História da Educação**, 13; Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação, 3; Simpósio Nacional de Estudos Culturais e Geoeducacionais - Sinecgeo, 3, 2014, Fortaleza; p. 1013-1025.

MATTA, G. C *et al.* **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557080320>. Acesso em: 28 jan. 2023.

MAZUI, G. 'Mais uma que Jair Bolsonaro ganha', diz presidente sobre suspensão de testes da CoronaVac. **G1**, Brasília, nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/mais-uma-que-jair-bolsonaro-ganha-diz-o-presidente-ao-comentar-suspensao-de-testes-da-vacina-coronavac.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MORABIA, A. Edward Jenner's 1798 report of challenge experiments demonstrating the protective effects of cowpox against smallpox. **J R Soc Med. New York**, v. 111, n. 7, p. 255-257, 2018. Disponível em: 10.1177/0141076818783658. PMID: 29978749; PMCID: PMC6047259jul. Acesso em: 14 jun. 2023.

NOGUEIRA, R. A. S. B. *et al.* A revolta da vacina e seus impactos. **Cientific@-Multidisciplinary Journal**, v. 8, n. 2, p. 1-10, 2021. Disponível em: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/cientifica/article/view/5914/4159> Acesso em: 8 maio 2023.

OLIVEIRA, I. S. *et al.* Anti-vaccination movements in the world and in Brazil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 55, p. e0592-2021, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/5gK3SgPkKRgfzX3RtkmHF8P/?format=pdf&lang=en> Acesso em: 8 maio 2023.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Ten threats to global health in 2019**, 2019. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/spotlight/ten-threats-to-global-health-in-2019>. Acesso em: 12 maio 2022.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**, OPAS, 2020. Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf). Acesso em: 8 maio 2023.

PAHO. **Urge Increased Polio Vaccination of Children in the Americas**. PAHO, fev., 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/en/news/23-2-2022-paho-urges-increased-polio-vaccination-children-americas>. Acesso em: 29 jun. 2022.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de pesquisa**, p. 179-195, 2001.

RIEDEL, S. Edward Jenner and the history of smallpox and vaccination. **Baylor University Medical Center Proceedings**, v. 18, n. 1, p. 21-25, 2005.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Secretaria Especial de Comunicação Social. 1904 Revolta da Vacina. A maior Batalha do Rio. **Cadernos de Comunicação Série Memórias**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos\\_comunicacao/memoria/memoria16.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria16.pdf). Acesso em: 10 ago. 2023.

SCHWARTZMAN, S. **Um espaço para a ciência**: a formação da comunidade científica no Brasil. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

SEVCENKO, N. **A Revolta da Vacina**: Mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Unesp, 2018.

VAN BAVEL, J. J. *et al.* National identity predicts public health support during a global pandemic. **Nature communications**, v. 13, n. 1, p. 5172022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41467-021-27668-9>. Acesso em: 7 abr. 2023.

VENKATESAN, P. **Worrying global decline in measles immunisation**. *The Lancet Microbe*. [internet]. 2022 [acesso em 2023 maio 15]; 3(1):e9. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S2666-5247%2821%2900335-9>.



WEISÆTH, L.; TØNNESSEN, A. **Fear, information and control during a pandemic.** Tidsskrift for Den norske legeforening. 2020. Disponível em: <https://tidsskriftet.no/en/2020/06/kronikk/fear-information-and-control-during-pandemic> Acesso em: 2 jun. 2023.

WROE, A. L. *et al.* Feeling bad about immunising our children. **Vaccine**, v. 23, n. 12, p. 1428-33, fev. 2005. DOI: 10.1016/j.vaccine.2004.10.004. PMID: 15670876. Acesso em: 29 jun. 2022.

*Recebido em: 13/12/2024  
Aprovado em: 09/01/2025*